



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: JÁ É HORA DE BRINCAR?

Cátia Ribeiro Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: crmoreira362@gmail.com

Isabel Cristina de Jesus Brandão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: icjbrandao2014@gmail.com

Silmara Ribeiro Moreira
Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Endereço eletrônico: silmaramoreira4@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar relações estabelecidas entre os professores e as crianças nas brincadeiras na educação infantil. A escolha dessa investigação, por meio das brincadeiras, se deu em virtude das possibilidades de conhecimentos que as crianças produzem quando brincam. Oliveira (2002) afirma que:

A brincadeira é o recurso privilegiado de desenvolvimento da criança pequena por acionar e desenvolver processos psicológicos-particularmente a memória e a capacidade de expressar elementos com diferentes linguagens, de representar o mundo por imagens, de tomar o ponto de vista de um interlocutor e ajustar seus próprios argumentos por meio do confronto de papéis que nele se estabelece, de ter prazer e de partilhar situações plenas de emoção e afetividade (OLIVEIRA, 2002, p. 231).

A partir da afirmação mencionada acima, de Oliveira (2002), compreendemos que as brincadeiras, na educação infantil, tanto as direcionadas pela professora, quanto as brincadeiras livres, tem um papel fundamental na infância, pois, quando as brincadeiras são inseridas no cotidiano delas, as possibilidades de interação, de partilhar, e de socialização começam a fazer parte do contexto do dia-a-dia da criança, possibilitando-as ao desenvolvimento e aprendizagem, pois acreditamos que essas brincadeiras nos possibilitariam alcançar com maiores detalhes o nosso objetivo.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa. A escolha se deu em virtude do leque de possibilidades e de instrumentos que a mesma oferece. Creswell (2010) afirma que “[...] a investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta; análise e interpretação de dados.” (CRESWELL 2010 p. 206).

A partir dessa concepção de pesquisa, escolhemos, para a coleta de dados, uma instituição de Educação Infantil, do município de Vitória da Conquista-BA, em uma turma pré-escolar, no período de 16 de março de 2018 ao dia 27 de março de 2018. Participaram da pesquisa uma professora e 22 crianças, da turma investigada. Como instrumentos, utilizamos o diário de campo, a entrevista semi-estruturada, a fotografia e a observação. Nesse recorte daremos destaque aos dados que obtivemos por meio da observação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade em que vivemos, temos nossa vida organizada em virtude do relógio. Tudo gira em torno do tempo e existe hora certa para tudo. Estabelecemos uma rotina para a organização dos nossos afazeres diários, fixando horários para acordar, trabalhar, almoçar, estudar, dormir, dentre as mais diversas atividades que realizamos no dia-a-dia. O que se configura, na realidade, é um cenário em que os atores, crianças e professores vivenciam rotinas nas quais, respectivamente, se executa e se prescreve ações, muitas vezes desarticuladas da vida de ambos (daí o semblante, tão comum, de crianças e professores entediados e irritados)” (MARTINS, 2009, p. 18)

Percebemos, na turma observada, que dentro da organização diária, na rotina da professora, havia um momento destinado ao brincar. Esse se constituía como o momento do recreio onde as crianças poderiam ir para o pátio externo e escolher do que brincar. As crianças perguntavam por diversas vezes “Tia, já é hora de brincar?”, “Tia, que horas vai ser o recreio?”, “Tia, hoje nós vamos brincar?” Um exemplo claro foi registrado no dia 23 de março de 2018,



Situação 1

É interessante quando percebemos uma criança na porta observando o momento de recreio de outra turma. Ela então pergunta a professora que horas será o recreio e a professora diz que ainda vai pensar se elas estavam merecendo ou não ir para o recreio. (DIÁRIO DE CAMPO, 23 de março de 2018)

As crianças esperavam sempre, com bastante empolgação, a hora de brincar no pátio. Porém, em alguns momentos do brincar, esse direito foi retirado das mesmas. Constatamos que a retirada do momento do brincar, se atrelou à uma punição ao “mal comportamento” das crianças e aconteceu com frequência na prática da professora Lúcia,¹ o que mostra uma fragilidade no reconhecimento do brincar como um espaço privilegiado de interação das crianças invisibilizando-as.

Situação 2

Neste dia, no momento destinado na rotina como recreio (momento em que as crianças podem ir ao pátio externo) não houve o intervalo para que as crianças pudessem escolher do que brincar, a professora justifica que as crianças estavam com mal comportamento e por isso iriam ficar sem recreio. (DIÁRIO DE CAMPO, 20 de março de 2018)

Situação 3

Neste dia não houve recreio, momento de brincar livre, por mais que as crianças perguntassem o tempo todo que horas seria o recreio, a professora disse que as crianças estavam mal comportadas. (DIÁRIO DE CAMPO, 21 de março de 2018)

Situação 4

A professora por diversos momentos diz as crianças que elas ficarão sem recreio e nos afirma que irá conseguir disciplinar as crianças até o final do ano. (DIÁRIO DE CAMPO, 22 de março de 2018)

Para Martins (2009), o brincar, como linguagem das crianças, deve ser proporcionado nas instituições de Educação Infantil de modo que as crianças se sintam contempladas e acolhidas neste ambiente. Percebemos, na atitude da professora, quando nega o momento do recreio para as crianças, um desrespeito com as mesmas, pois o brincar se configura como um direito e não como merecimento, as crianças são violadas quando a elas é negado um momento de envolvimento e partilha ao qual podem ser

¹ Nome fictício.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

protagonistas sem a figura do adulto, ditando a elas as maneiras de se envolverem com o brincar. Martins (2009) afirma que

[...] é comum presenciarmos cenas em que os professores dizem as crianças: ‘se der tempo a gente brinca’, ou ‘se vocês se comportarem a gente brinca’. Essas falas revelam o não reconhecimento da brincadeira como fonte do desenvolvimento global da criança, propiciadora do seu bem-estar e facilitadora da sua aprendizagem. (MARTINS, 2009, p. 15)

É como se o brincar fosse o prêmio pelo bom comportamento, como merecimento e não como direito das crianças. Muitas vezes, apesar das promessas do bom comportamento para que possam brincar, percebemos que, na prática, ele não se efetiva, pois, sempre há coisas mais importantes a serem feitas. Com isso, há uma negação do espaço de uma linguagem fundamental das crianças rompendo com momentos de interação que a elas seriam proporcionados

Vimos que o “mal comportamento” das crianças causa de grandes desconfortos na professora, ao afirmar: “Eles terão que mudar”, “Eu vou discipliná-los”, “Eles vão ter que aprender a se comportar”. Essas falas mostram que a professora preza por “uma abordagem que objetiva o treino, das crianças, de condutas e competências valorizadas na rotina escolar tradicional, sobretudo o domínio de conteúdos o respeito ao silêncio e a ordem (em detrimento a alegria de aprender que nem sempre se dá no silêncio e na ordem)” (MARTINS, 2009, p. 15). A cobrança pelo silêncio e pela ordem, se atrela ao fato de muitos profissionais de educação infantil compreenderem que professor bom é aquele que consegue “dominar” todos os seus alunos de maneira que a sala seja “organizada” e que todos sejam “obedientes”. Em detrimento dessa organização e obediência postas, as crianças tem sido invisibilizadas, pois não há espaços para que elas demonstrem suas peculiaridades, professores têm tentado, de forma incansável, enquadrar em um molde que padroniza crianças com culturas e contextos diferentes, o que se caracteriza como uma violência em relação à boa parcela que a sociedade concebe como bons alunos enquanto isso, “ as crianças reclamam uma visibilidade da criança concreta que difere de uma criança homogeneizada” (FARIA; FINCO 2013, p. 120).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

CONCLUSÕES

Quando os adultos se relacionam com as crianças, tendem a estabelecer o sentido das ações delas, antecipando movimentos, nomeando atos e sensações, no movimento consciente ou inconscientemente de inibição da autonomia da criança. Diante deste pressuposto, as crianças são silenciadas por meio da invisibilidade, ocupando na sociedade o lugar de exclusão de rebaixamento e de negação.

As instituições educacionais em sua maioria, ao propor brincadeiras para as crianças tendem a tirar a expressão e a espontaneidade do brincar fazendo com que o momento das brincadeiras seja algo cansativo e não prazeroso, pois ao dizer as crianças do que brincar e como brincar, a vontade destas se torna invisível e somente o adulto tem sua voz ouvida nesta relação.

Neste contexto, a iniciativa e espontaneidade das crianças ficam invisibilizadas, pois estas se veem frente a regras que terão que ser cumpridas conforme foram estabelecidas, muitas vezes, sem possibilidades de questionamentos, pois os adultos estão sempre esperando um resultado, o desenvolvimento de alguma habilidade ou competência das crianças, um benefício que possa favorecer a cultura da escolarização Redin (2009). Parece-nos que, nas escolas algumas brincadeiras são mais valorizadas que as outras, pois aquelas que causam “desordem e tumultos” devem ser deixadas de lado.

Compreendemos que o brincar é um tema que emerge discussões mais aprofundadas no atual contexto brasileiro, uma vez que, cada vez mais, estamos sendo acoados ao silêncio das falas e do disciplinamento dos corpos, por meio, de ações de uma constante vigília, principalmente, nos espaços escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeira; Criança; Educação Infantil; (In)visibilidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. LEHFELD, Neide Aparecida Souza. A Pesquisa científica: A coleta de Dados. BARROS, Aidil Jesus da Silveira. LEHFELD, Neide Aparecida Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica:** Um guia para a iniciação científica. 2a ed. São Paulo. 2000.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

_____; _____. Método, Teoria e Lei científica. _____. _____. **Fundamentos de Metodologia Científica: Um guia para a iniciação científica.** 2 ed. São Paulo. 2000.

CRESWELL, John. Métodos Qualitativos. BARROS, Aidil Jesus da Silveira. LEHFELD, Neide Aparecida Souza, **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed 2010.

MARTINS, Cristiane Amorim. **A participação de crianças e professora na constituição da brincadeira na Educação Infantil.** 2009. 283 f. Tese. (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação, 2009.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Creches e Pré-escolas em busca de pedagogias descolonizadoras que afirmem as diferenças. ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel Org. **Educação infantil e diferença.** Campinas- São Paulo- Papyrus 2013.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO